

Entre a memória e a promessa. A dialética idem x ipse na cobertura dos Jogos Pan-americanos

*Between the memory and the promise. Idem x Ipse
Dialectic in the Pan American Games coverage*

Ada Cristina Machado Silveira | ada.machado@pq.cnpq.br

Pesquisadora do CNPq. Jornalista formada pela Unisinos com doutorado em Periodismo pela Universidade Autônoma de Barcelona. Professora dos Programas de Pós-graduação em Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria.

Camila Esteves | camilafalleiro@hotmail.com

Jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria, com Especialização em Assessoria e Comunicação Política pela Universidade de Santa Cruz do Sul.

Resumo

O artigo analisa as características de memória e promessa presentes em narrativas identitárias utilizadas na cobertura dos Jogos Pan-americanos realizados no Rio de Janeiro em 2007. A atividade de pautar a cobertura esportiva a partir de um olhar regional, com especial atenção ao diário Zero Hora, de Porto Alegre, deve estar articulada hierarquicamente com o nível nacional, numa espécie de identificação em escalas.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo; Identidade Cultural; Narrativa; Dialética idem X ipse.

Abstract

This article studies the characteristics of memory and promise in narratives of identity used in the journalistic coverage of the Pan American Games that happened in Rio de Janeiro in 2007. The action of referencing the sports coverage from a regional look, with special attention to the Zero Hora Journal, from Porto Alegre, should be hierarchically articulated to the national level, in a kind of range of identification scales.

Keywords: Sports Journalism; Cultural Identity; Narrative; Idem X Ipse Dialectic.

Introdução

O jornalismo especializado no sul do Brasil desde longa data conta com esforços editoriais sistemáticos. A cobertura televisiva de futebol da dupla Grêmio e Internacional desde a década de 70 conta com destacados repórteres acompanhando seu cotidiano seja no estado, no Brasil ou no estrangeiro. A adição ao esporte tem raízes na influência inglesa, responsável pela fundação dos primeiros clubes na fronteira com o Uruguai no início do século XX, um fato histórico ajuda a entender porque é inadmissível que um gaúcho seja torcedor de um clube da região sudeste, como ocorre com brasileiros de outras regiões.

Apenas responsabilidade do imperialismo inglês na região do Rio da Prata? Talvez. As equipes da fronteira sul brasileira estão entre as primeiras registradas no Brasil. E o Sport Club Rio Grande de Erechim, fundado em 1900, figura como detentor do primeiro registro de associação futebolística brasileira. Mas a ação da mídia também tem sua influência. Os veículos nunca descuidaram de dar ampla cobertura das equipes regionais em suas andanças pelo Brasil e pelo mundo. Resultado disso é a presença do jornalismo esportivo no cotidiano de leitores, ouvintes e telespectadores, antecessores dos usuários da rede mundial.

No caso da cobertura esportiva, especialmente no futebol – considerado paixão nacional e um dos principais símbolos identificadores da nacionalidade brasileira, há um trânsito permanente, uma negociação entre o pertencimento regional, relativo aos clubes, com o pertencimento nacional, relativo ao forte simbolismo do futebol para a identidade nacional.

A 15ª edição Jogos Pan-americanos de 2007 ocorreu entre os dias 13 e 29 de julho de 2007 no Rio de Janeiro. O estudo determinou como *corpus* as reportagens divulgadas na cobertura editada do suplemento *Revista do Pan 2007*, publicada pelo diário Zero Hora exatamente no mesmo período. Considera-se este o periódico de referência naquele Estado e se acredita que são nos eventos esportivos que os veículos de comunicação tomam conhecimento e se apropriam do processo de identificação para tornar os laços mais estreitos.

Profundamente dedicada a esse aspecto, a Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS), em suas emissões e diários do estado brasileiro do Rio Grande do Sul produz uma programação extremamente dedicada à cobertura dos atletas do evento. A análise das reportagens da *Revista do Pan 2007* permite verificar as características mobilizadoras e inclusivas de atletas, patrocinadores, profissionais e torcedores que residem no Estado e que participam do evento. O olhar regional pauta as ações do grupo inclusive na cobertura de fatos internacionais, estruturando uma perspectiva de cidadania que passa primeiro pelo pertencimento regional para depois chegar ao nacional.

Jornalismo Esportivo e a identificação dos leitores

A paixão pelo esporte é algo tão bem caracterizado em nossa sociedade que justificou no jornalismo uma editoria especializada. O jornalismo ao divulgar fatos e acontecimentos, também os transforma em mercadoria.

A especialização no impresso ocorre como uma estratégia mercadológica para garantir sua sustentação e não perder o espaço que precisou ser dividido com outras mídias. Ao se especializar, ele possibilita, através dos suplementos, uma forma de segmentação, que ao mesmo tempo em que segmenta o público para o qual essa informação será direcionada, também segmenta a informação. Nesses produtos há uma preocupação em aliar a técnica jornalística com a crítica, analisando ao mesmo tempo a obra e o fato ou o acontecimento gerado por ela, dando ares de revista ao texto dos suplementos. Considerando Carvalho (2007), a *revistização* dos suplementos encontra base também em outras características, tais como, a circulação semanal ou por um determinado período específico de tempo dentro de um jornal diário; a apresentação de uma temática única inserida numa versão de assuntos gerais; a opção por um estilo de reportagem trabalhado junto ao relato factual dos acontecimentos que acontece ao longo do caderno; a literalidade no tratamento do texto e a criatividade quanto aos aspectos de programação visual; o contraste em suas páginas aliando uma estética ousada junto ao tradicionalismo do jornalismo diário e o direcionamento a um público específico ao mesmo tempo em que o suplemento se insere em um produto mais amplo.

Desde que se particularizou, o jornalismo esportivo fixou-se como uma das maiores expressões de informação especializada, ocupando espaço maior nos meios impressos e eletrônicos do que outros assuntos. Hatje (2000) acrescenta que o grande espaço destinado ao esporte nos veículos de comunicação vai de encontro ao interesse do espectador, que vê no esporte uma projeção. Ele se identifica e se sente identificado. Diante disso, fica claro porque o esporte preserva um grande espaço na mídia e porque ele representa uma boa fatia da audiência dos veículos de comunicação.

O esporte é um dos assuntos prediletos da mídia, pois fornece uma grande variedade de informações que podem se tornar notícia. Ele é capaz de contemplar a transmissão jornalística de todos os meios e, além disso, trabalha com a emoção, o fator fundamental para explicar a enorme audiência que se pode conseguir através dele. O esporte é uma atividade de interação social muito presente em nossa cultura, que está relacionada com aspectos lúdicos da sociedade. São nos períodos dos jogos mundiais que, através dos esportes, as nações competem e promovem a paz. O esporte também é sinônimo de respeito pela competição, trabalho intenso que objetiva uma vitória, mas que só poderá ser conseguida através de uma disputa justa.

Ainda, é por meio dos esportes e dos atletas que as identidades culturais podem ser trabalhadas. Sentimentos de patriotismo, de raiva, de alegria e de euforia são transmitidos através do jornalismo esportivo como forma de conquistar a audiência. Em muitos eventos esportivos, como em uma final da Copa do Mundo, é possível verificar a emoção com que torcem os brasileiros. Nesse sentido, as relações entre jornalismo, identidade cultural e esporte podem ser estudadas através da presença de elementos identitários nas interações simbólicas entre o sujeito e a cultura em que estão inseridos, tornando ainda maior as possibilidades de utilização do esporte pela mídia, como algo rentável

e estratégico na aproximação da audiência e do veículo.

Zero Hora: o diário que mostra os gaúchos

A *Revista do Pan 2007* apresentou-se como um suplementado de doze páginas encartado no diário Zero Hora. A primeira e a segunda página apresentam informações de serviço, a respeito dos horários e canais das transmissões dos jogos na tevê, explicações sobre as modalidades menos comuns que integram as disputas ao longo do dia, resultados das competições e justificativas e curiosidades sobre quais modalidades assistir, a despeito da participação de determinados atletas, além de charges, que nem sempre aparecem em todos os suplementos. Nas páginas centrais estão os relatos mais aprofundados sobre os acontecimentos dos dias anteriores, com notícias, reportagens e fotografias. Há ainda espaços fixos dentro do suplemento, que funcionam da mesma maneira que as editorias de um jornal, como *Cenas Cariocas* e *PANVIP*, que tratam de assuntos mais leves e fazem registros das celebridades que acompanharam os jogos. Há uma editoria localizada na página onze, denominada *panelinha* que propõem uma interação com o leitor através de enquetes, jogos de adivinhação e curiosidades relacionadas ao Pan e é um espaço em que o leitor pode manifestar a sua opinião sobre os mais diversos temas.

Estudando a bibliografia sobre gêneros jornalísticos necessária para definir a disposição das informações no suplemento, Adair Bonini (2003) destaca as críticas de Manoel Chaparro sobre o paradigma informação/opinião como critério para tipificação dos gêneros jornalísticos. Para Chaparro esse critério não serve mais, pois a atividade jornalística não se orienta guiada pelo critério da objetividade para a escolha de uma ou de outra dessas divisões. O fazer jornalístico está imerso em uma teia de diferentes discursos, de modo que a opinião e a informação se misturam e “[...] os juízos de valor estão lá, implícitos, nas intencionalidades das estratégias autorais, e explícitos nas falas (escolhidas) dos personagens, às vezes até nos títulos” (CHAPARRO apud BONINI, 2003, 214).

Em decorrência disso, Chaparro assume os esquemas narrativo e argumentativo para qualificar os termos *relato* e *comentário* como gêneros jornalísticos,

pois estes termos correspondem socialmente às duas principais ações jornalísticas: relatar a atualidade e comentar a atualidade. O gênero visto desse modo como uma classe, se subdivide em espécies e subespécies. (BONINI, 2003, 215).

Sendo assim, no gênero comentário, estariam incluídas as espécies argumentativas (artigo, crônica, cartas e coluna) e as espécies gráfico-artistísticas (caricatura e charge) e, no gênero relato as espécies narrativas (reportagem, notícia, entrevista e coluna) e as espécies práticas (roteiros, indicadores, agendamento, previsão do tempo, cartas-consultas e orientações úteis).

Delineada esta opção, a primeira análise do objeto foi realizada com o objetivo de fazer um levantamento dos gêneros jornalísticos e não-jornalísticos verificados nos suplementos para posterior escolha das revistas e dos gêneros que fariam parte do corpus de análise. Assim, o estudo foi realizado a partir dos seguintes gêneros: *notícia*, puro registro dos fatos, sem interpretações ou

comentários; *reportagem*, uma notícia com desdobramentos, mais profunda e com interpretações, que aborda os diferentes ângulos de uma notícia e por isso, é muito mais extensa; *nota*, uma notícia pequena que pode ou não ser seguida de comentários; *entrevista* ou *perfil*, considera-se o relato sobre uma pessoa, uma biografia com comentários sobre o personagem ou simplesmente uma entrevista do tipo pergunta/resposta; *informações por imagem*, como fotos, ilustrações e infográficos, considerando os casos em que a imagem bastou por ela mesma ou casou com o texto; *notas de serviço*, com roteiros e agenda das competições, além de outras orientações úteis ao leitor; *comentário*, texto opinativo de alguma personalidade convidada pelo veículo ou jornalista enviado ao evento; *charges*, desenhos que transmitem informações e/ou opiniões de forma descontraída; *carta/opinião do leitor*, vincula-se aos fatos que estão acontecendo e reproduz o ângulo do leitor; *crônica*, texto pessoal que não coincide com o momento eclóxico de um fato apesar de ter ligação com ele; *coluna*, traz opiniões a respeito dos fatos e seus desdobramentos, no emergir e repercutir do acontecimento e, *entretenimento*, que não é considerado um gênero jornalístico e sim um formato no estilo de passatempo, que contém charadas e jogos para interagir com o leitor.

Na cobertura analisada encontramos marcas apreciativas distribuídas especialmente em três elementos principais, tomados como marcadores de discurso, os quais são plenamente observáveis ao longo da cobertura: a) o marcador de gaúcho; b) o marcador de atletas gaúchos; c) o marcador de cultura gaúcha e; d) o marcador de Estado do Rio Grande do Sul. É a partir dessa divisão que se estabelece a análise.

Estudando os marcadores de discurso no corpus selecionado, as dezesseis revistas apresentaram no total 74 notícias sendo que 16 mencionavam *atletas gaúchos* ou a *cultura gaúcha*; 44 reportagens, destas, 25 eram sobre *gaúchos*; 65 notas que referenciavam os *gaúchos* de um total de 410; 12 perfis ou entrevistas, dentre os quais quatro eram sobre *gaúchos* e um fazia referência ao *Estado do Rio Grande do Sul*, 558 informações icônicas, que traziam fotos, ilustrações e gravuras sobre as modalidades dos jogos e atletas participantes; uma nota de serviço relativa a um produto *gaúcho* de um total 258 notas; 100 comentários sendo que destes, seis se referiam a *atletas gaúchos*; 77 charges das quais se optou por não distinguir as que faziam referência aos gaúchos, considerando tal procedimento irrelevante ao estudo; 40 opiniões de leitores *gaúchos* veiculadas na seção *panelinha*; seis colunas, sendo que uma fez menção a uma *atleta gaúcha*; nove crônicas, das quais nenhuma apresentou citação a gaúchos; e, 23 formatos de entretenimento, com charadas e adivinhações para testar os conhecimentos do leitor sobre assuntos alusivos aos Jogos.

O quadro 1 esquematiza a quantidade de gêneros jornalísticos encontrados em cada *Revista do Pan* e a existência de referência a atletas ou à cultura gaúcha nas informações publicadas.

QUADRO 1 – comparativo entre a quantidade de gêneros encontrados nas Revistas do Pan 2007 e a quantidade de gêneros em que há referência a atletas ou à cultura gaúcha

Gêneros	Revista Nº. 4	Revista Nº. 5	Revista Nº. 6	Revista Nº. 7	Revista Nº. 8	Revista Nº. 9	Revista Nº. 10	Revista Nº. 11	Revista Nº. 12	Há referência a atletas ou à cultura gaúcha?
Notícia	4/2	2	1	6/1	3	5/1	4	7/2	8/2	8
Reportagem	4/1	3/2	5/3	2/3	3/3	2/1	1/1	2	1	14
Nota	42/10	21/3	16/3	26/7	34/7	28/3	22/5	20/1	23/5	44
Entrevista/ Perfil	1/1	1/1	1	1	1	-	1/1	1	1/1	4
Informações pela Imagem	49	29	19	29	36	22	18	31	32	*
Notas de Serviço	13	18/1	15	16	16	15	18	16	15	1
Comentário	6	12/4	4	5	5/1	1	3	9	6	5
Charge	3	7	1	5	9	-	8	6	6	**
Carta/ Opinião do Leitor	1	1	-	4	2	-	-	3	2	Todas as opiniões que foram veiculadas eram de gaúchos
Coluna	1/1	1	-	1	-	-	-	-	-	1
Crônica	1	-	-	1	1	-	-	-	-	Não há crônica sobre um atleta gaúcho
Entretenimento (não é gênero)	2	-	1	1	3	-	-	3	3	-
Data da Edição	13 julho	14 julho	15 julho	16 julho	17 julho	18 julho	19 julho	20 julho	21 julho	-
Nº. de Páginas	20	12	12	12	12	8	8	12	12	-

* Não foram realizadas as diferenciações das imagens entre atletas gaúchos e não gaúchos.

** Não foram realizadas as diferenciações das charges entre atletas gaúchos e não gaúchos.

(continuação do QUADRO 1)

Gêneros	Revista No. 13	Revista No. 14	Revista No. 15	Revista No. 16	Revista No. 17	Revista No. 18	Revista No. 19	Revista No. 20	Há referência a atletas ou à cultura gaúcha?	Total
Notícia	4/1	9/4	5	2	4/1	3/1	5/1	2	8	74/16
Reportagem	3/4	1	4/2	3	2	3/1	3/3	1/1	11	44/25
Nota	16/5	29/4	18/1	16/2	25/4	26/5	35	13	21	410/65
Entrevista/ Perfil	2	-	-	-	-	1/1	-	1	1	12/5
Informações pela Imagem	35	35	37	32	45	33	39	37	*	558
Notas de Serviço	16	17	15	14	14	18	14	8	-	258/1
Comentário	8/1	2	10	4	11	4	8	2	1	100/6
Charge	-	3	7	4	8	2	8	-	**	77
Carta/ Opinião do Leitor	2	6	5	3	4	4	3	-	Todas as opiniões que foram veiculadas eram de gaúchos	40
Coluna	-	-	2	-	-	1	-	-	-	6/1
Crônica	-	1	-	1	1	1	1	1	Não há crônica sobre um atleta gaúcho	9
Entretenimento (não é gênero)	1	2	2	1	1	1	1	1	-	23
Data da Edição	22 julho	23 julho	24 julho	25 julho	26 julho	27 julho	28 julho	29 julho	-	17 edições
Nº. de Páginas	12	12	12	12	12	12	12	12	-	204

Após este levantamento quantitativo com base nos gêneros jornalísticos, passa-se a uma análise discursiva propriamente. Exemplificando a aparição do tema, escolheu-se o *gênero reportagem*, pois é nele em que se verifica uma maior profundidade das informações descritas. Antes de passar à análise das cinco reportagens selecionadas, far-se-á uma digressão sobre as características da identidade narrativa para enquadrar a atividade jornalística de Zero Hora em seu propósito de agradar aos gaúchos.

Nacionalismo e identidade narrativa

O aporte de Paul Ricoeur (1991) permite entender que a identidade se manifesta por meio da narrativa, uma vez que esta última põe em relação os pólos da mesmidade e da ipseidade e estabelece conexão e unidade entre acontecimentos diversos.

Nas palavras de Ricoeur, os hábitos e as disposições adquiridas, quando sedimentadas, conferem certa estabilidade à identidade. Nesse sentido, pode-se aplicar ao vínculo estabelecido entre a cobertura de eventos esportivos e características de personalidade dos atletas. Observa-se uma forte tendência a incorporar como um traço de caráter, definidor da personalidade de um grupo e que se estende aos descendentes que fazem questão de preservá-la, como se estivessem preservando sua própria identidade.

Um aspecto importante da ipseidade é que ela é tratada como uma singularidade, enquanto a mesmidade tende à universalização, por seu caráter assentado. A narrativa da *colonização do novo mundo* torna-se uma espécie de singularidade das identidades étnicas européia, aborígine e africanas *originais*. Assim, fixação da identidade discursiva na época da colonização do novo mundo se apresentaria, ela mesma, como um processo de ipseidade no fluxo jornalístico que, por sua vez, trabalha intensamente com o outro no cotidiano da cobertura; sua continuidade diária traz a alteridade para o cotidiano familiar dos leitores.

Considerando a pertinência das noções de mesmidade e ipseidade para refletir sobre o produto escolhido, foi necessário deslocá-la em direção a uma problemática midiática. Desta maneira, optou-se por considerar *narrativa* como o conjunto de histórias, registros e relatos do imaginário de vinculação com o mundo, enquanto o *discurso* seria o meio utilizado para operar no interior da narrativa. Tendo em vista que tanto a mesmidade como a ipseidade são tomadas por Ricoeur como formas de perseverança da identidade no tempo, procura-se observar como a permanência de uma identidade pode ser abordada no discurso da mídia e articulados os níveis local e nacional.

Entre as 25 reportagens selecionou-se novamente um corpus de cinco, consideradas as mais expressivas do problema. Além disso, teve-se o cuidado de selecionar reportagens que expressassem uma cobertura temporal do acontecimento. Assim, as opções foram feitas por aquelas veiculadas no início, no meio e no fim do evento. Das cinco reportagens selecionadas, duas são sobre atletas gaúchos, uma trata sobre um atleta paulista que treina em Porto Alegre, e uma quarta aborda este mesmo atleta paulista e outros dois gaúchos. A quinta reportagem é alusiva à cultura do Rio Grande do Sul.

Entre a memória e a promessa

A primeira reportagem foi publicada na revista número cinco, referente ao dia 14 de julho de 2007, um após a abertura dos Jogos no Rio de Janeiro e trata sobre a estréia da atleta Daiane dos Santos nos Jogos, de seu amadurecimento, concluindo que ela deixou de ser menina para tornar-se uma mulher. O antetítulo “*gaúchos em ação*” já chama a atenção para a reportagem que vem em seguida, demonstrando que as informações são a respeito de alguém daquele Estado. Não foi observada em nenhuma outra reportagem uma chamada que destacasse outra origem política de algum atleta que não fosse a do Rio Grande do Sul. O título “*nas alturas, com 1m45cm*” seguido do subtítulo “*Daiane do Santos estréia hoje na ginástica artística*” situam o leitor sobre o assunto que abordará a atleta nacionalmente conhecida e autora de grandes saltos realizados no solo.

A reportagem descreve traços da personalidade da atleta. Quando aborda o dia do treinamento, pode-se observar que a atleta não simula, realiza a sua série como se fosse a hora da competição e é perfeita, tanto que seu desempenho é reconhecido pelos outros ginastas que a tomam como referência. Daiane sabe que é considerada um modelo para as atletas mais novas. Seguindo, o texto afirma que “*Daiane agüenta o tranco sozinha*” (linha 34) e que mesmo com dor é capaz de treinar com um sorriso no rosto. Nos parágrafos finais, o leitor é informado de que a equipe feminina de ginástica artística do Brasil divide um apartamento em Curitiba, local onde treinam. Mas Daiane é a única que mora sozinha, tem carro, e por isso é independente. Além disso, ela ainda “*curso Educação Física e montou um escritório para atender a grande demanda de pedidos por eventos, entrevistas e palestras*” (linha 71).

A reportagem seguinte foi veiculada na revista número 12, em 21.07, e aborda o judoca Tiago Camilo, ganhador do ouro no Pan 2007. O antetítulo “*gaúcho de ouro*” causa estranhamento inicial, pois no início da matéria é revelada que a origem política do atleta é São Paulo. No primeiro parágrafo é reiterada a mesma leitura da outra reportagem, de que diante das adversidades os gaúchos não se afrouxam, mas sim, ficam estimulados e seguem em frente:

Há duas maneiras de se enfrentar um problema. Uma é encará-lo de frente. A outra é esconder-se atrás dele. Tiago Camilo é do primeiro time. O judoca paulista, acolhido pela Sogipa e pelo Rio Grande do Sul há um ano, soube transformar um revés em motivação. Ontem, ele abriu a porteira de ouros para o Brasil no judô, atropelando os adversários da categoria até 90 kg em poucos segundos. Ganhou todas as lutas por ippon (linha1).

A leitura de que Tiago tenha optado pelo Clube Sogipa para treinar, indiretamente, atribui ao Rio Grande do Sul, o melhor lugar para praticar judô no Brasil, pois lá estão os atletas mais premiados no Pan.

No segundo parágrafo a repórter explica que a Confederação Brasileira de Judô decidiu mudar a categoria de competição de Tiago. Com isso, o atleta teve que lutar contra adversários mais pesados. Mesmo assim o Tiago venceu e se declarou um guerreiro que encarou a mudança de peso como uma convocação para representar seu país (linha 29). Além disso, Tiago afirmou que

tudo daria certo, pois estava no lugar certo e com as pessoas certas, o que a reportagem interpretou como sendo Porto Alegre e o técnico Kiko (linha 53). Tiago foi considerado gaúcho pelo jornal porque ele treina num clube de Porto Alegre; porque é um guerreiro, que assim como outros gaúchos enfrenta as adversidades; e porque se sagrou vitorioso, como os outros atletas gaúchos que venceram no Pan.

A terceira reportagem saiu na revista número 13, em 22.07, e aborda o judoca João Derly. O antetítulo diz: “*domingo no tatame*” e é seguido do título “*quimono à moda gaúcha*”, o que faz uma referência a existência de um jeito particular, que seria o gaúcho, de utilizar o quimono, que é a vestimenta do judoca. Os parágrafos iniciais tratam a respeito da simpatia de João, dizendo que ele é querido até pelo seu rival, o cubano Yordanis Arencibia. No quinto parágrafo, pode-se verificar a mesma característica das demais reportagens:

[...] mas a única mudança significativa de sua vida depois de vencer o Mundial em 2005, no Cairo, foi realizar um sonho que sempre pareceu distante: ter o judô como profissão. Passou a ser patrocinado por uma empresa de telefonia móvel e parou de imaginar como seria a tão suada casa que seu pai constrói há tantos anos (linha 43).

A reportagem explica que no Pan de 2003 o atleta era promessa de medalha, mas que não se concretizou porque ele estava fraco demais. Ao mudar de categoria, de 60 kg para 66 Kg, e tentar a classificação para as olimpíadas de Atenas de 2004, não obteve a vaga e repensou a carreira (linha 60). O penúltimo e o último parágrafo explicam que:

Mas João é rodeado por pessoas tão boas quanto ele. Acreditou no técnico Antonio Carlos Pereira, o Kiko, que o acompanha desde sempre e a quem chama de sensei (mestre). Seu João, o pai, e dona Vera, a mãe, abriram mão de seus sonhos para sonhar com ele. Ai João retornou com a mesma gana de sua estréia nos tatames, há 19 anos, quando achava que judô era sinônimo de ippons, o golpe perfeito – a luta terminava em segundos e ele não entendia nada ‘ué, já acabou?’, pensava. Após a decepção, João treinou de forma abnegada, não deu chances aos adversários do Brasil, ganhou a vaga no Mundial do Egito de 2005 e foi campeão [...] (linha 78).

Além da característica aguerrida, ainda é possível conferir que a reportagem dá ao atleta traços de um herói: “*Neste domingo, será sua primeira chance de conquistar uma medalha bem perto de quem ele gosta. Mas vencendo ou perdendo, não tenha receio de se aproximar dele. João Derly gosta de pessoas*” (linha 83).

A quarta reportagem foi publicada na revista número 18, em 27.07. A reportagem não trata a respeito de atletas, mas da singularidade de uma torcedora que foi escolhida para demonstrar que o comportamento guerreiro não é específico apenas de atletas.

Laura Machado, cabeleireira de Novo Hamburgo, é uma grande torcedora do futebol feminino que decidiu inscrever-se para trabalhar como voluntária do Pan para assistir a seleção das mulheres jogando. Após a confirmação de que fora selecionada ela decidiu ir de carro, sozinha, até o Rio de Janeiro, já que não tinha dinheiro para a passagem.

Chegou no dia 4 de julho, e como não conhecia ninguém, nem a cidade, acabou se perdendo. Dormiu no carro, mas no dia seguinte acabou fazendo amizade com uma senhora que lhe ofereceu lugar para ficar. Foi a sorte, porque ela também não tinha dinheiro para a hospedagem” (linha 50).

Seguindo, no penúltimo parágrafo:

A cabeleireira acorda cedo e passa o dia inteiro lá (no Engenhão), mas pode assistir a todos os jogos. Ganha dois lanches e guarda um para comer de manhã, em casa. Não usa transporte porque a casa da nova amiga fica pertinho. Não tem tempo, nem dinheiro para conhecer a Cidade Maravilhosa, mas faz questão de dizer que realizou seu maior sonho: ver o futebol conquistar uma medalha de ouro e ainda por cima no Maracanã! (linha 74).

A conotação dada à personagem da história ainda é positiva: ela não se deixou abater diante das dificuldades, mas lutou como uma guerreira e por isso, chegou onde queria. A memória da identidade guerreira figura como uma promessa permanente de êxito.

A quinta e última reportagem analisada foi veiculada em 29.07, na final dos Jogos Pan-americanos, e corresponde a edição de número 20. Da mesma maneira que a anterior, essa reportagem não aparece ao longo do caderno como as reportagens sobre os atletas, mas na editoria fixa denominada Cenas Cariocas. Essa editoria abordou assuntos diversos durante todo o Pan, e foi um espaço para fazer a ligação do que acontecia no Rio de Janeiro com o Rio Grande do Sul.

Esta última reportagem aborda um Centro de Tradições Gaúchas localizado no Rio de Janeiro que é um ponto de encontro do tradicionalismo para os gaúchos radicados no Rio e para as pessoas que, apesar de nascerem em outros estados, se dizem gaúchas de coração. O título “*Rio Grande de Janeiro*” faz alusão a esta dupla condição. No primeiro parágrafo podemos fazer a análise que a representação da cultura do Rio Grande do Sul é tão forte em todo o país, que as pessoas ao reconhecerem uma afinidade cultural, passam a negar a sua verdadeira origem política, para assumir o seu desejo de pertencer ao Rio Grande do Sul, escolhendo uma nova identidade:

Gaúcho do Paraná, gaúcho do Mato Grosso, gaúcho do Rio de Janeiro e até gaúcho rio-grandense. No CTG Desgarrados do Pago, a certidão de nascimento que conta é aquela que a afinidade determinou: ‘aqui todo mundo é gaúcho, nem precisa perguntar’ – apressa-se em esclarecer uma sorridente prenda de Corumbá (linha 12).

A reportagem fala a respeito da dificuldade de se conseguir mais sócios para o CTG e da luta para continuar divulgando o tradicionalismo:

Gaúcho da cidade paranaense de Guarapuava, Rogers dos Santos, 28 anos, funcionário da Petrobrás, é um dos mais empenhados: ‘estamos aí, na peleia’. A peleia é travada atualmente em fandangos e costeladas mensais, que servem para arrecadar dinheiro e também para promover o tradicionalismo e atrair novos sócios. As costeladas duram todo o domingo e incluem apresentações de música e dança e a possibilidade de hospedagem no local. Dentro dessa política de promover a cultura gaúcha, sempre que

possível e em todas as querências, a turma já organizou costelada até dentro de escola de samba. Estranho? Não para esses gaúchos de coração sem fronteiras: 'a escola de samba é só o CTG do carioca' – compara Rogers (linha 86).

O destaque ao espírito guerreiro também se faz presente. É possível verificar que foram utilizadas várias expressões e substantivos do universo do gaúcho, símbolos que demarcam a identidade cultural em questão.

Através da reiteração do substantivo gaúcho, quase em exaustão, principalmente no título das matérias, o veículo pretende atrair o leitor pela afirmação de ser gaúcho, construindo a partir daí a identidade pela diferenciação do “outro”, pelo que o “outro” não é. Assim, a condição de gaúcho pode ser entendida como o principal valor notícia das reportagens. Ela não só é a certeza da presença das informações na *Revista do Pan*, mas também orienta a construção da notícia, buscando atrair o leitor através de sua “gauchidade” e ainda aciona o leitor a respeito das referências positivas a cerca dessa denominação.

Verificando o caso da atleta Daiane dos Santos, a denominação de gaúcha não é necessária, apesar de recorrente, porque a sua origem política é de domínio geral, enquanto que para outros atletas menos conhecidos essa caracterização é necessária.

No caso do judoca Tiago Camilo ser chamado de gaúcho, encontramos como explicação o fato do atleta ser capaz de reunir os atributos para tal, o que justifica a presença da reportagem do paulista na análise, pois essa personalidade remete aos valores da cultura gaúcha sobre as qualidades e maneiras de agir do gaúcho.

Ao construir um discurso mediado pela cultura e a identidade em que seu público está inserido, maiores são as possibilidades de identificação entre o veículo e o seu público. Quando o diário Zero Hora procura falar ao seu leitor através da inserção do seu produto em um sistema de significação alicerçado em uma identidade particular que é relativa ao estado onde circula, ela acaba por instigar no seu leitor um sentimento de pertencimento que é emitido por meio do seu discurso.

Através da elaboração de um palimpsesto midiático do gaúcho – representação que guarda os momentos genéticos da diversidade de sua origem étnica – cada leitor lê o que é capaz de ler, e reconhece o discurso como familiar de acordo com seus símbolos e suas origens (SILVEIRA, 2003). Assim, ainda que essa possa ser uma estratégia mercadológica, é inegável que Zero Hora contribui para fixar ou mesmo estabelecer as representações da identidade cultural, contribuindo para a fixação da mesma num dado sentido.

Considerações finais

Muito antes de se especializar, o jornalismo esportivo já demonstrava ser um dos assuntos prediletos da audiência. Atualmente, ele se configura como um dos maiores responsáveis pela vendagem de jornais, assim, é quase impossível não abordá-lo se a intenção for atrair leitores. Quando acontece um

evento tão grande quanto um pan-americano, que tem como sede uma cidade brasileira é possível planejar uma cobertura jornalística utilizando estratégias capazes de fidelizar sua audiência.

A primeira constatação é a de que o diário Zero Hora desenvolve uma abordagem bastante curiosa de jornalismo esportivo, que apesar de peculiar se mostra como um dos caminhos que estão sendo tomados pela imprensa esportiva. Quando não existem vitórias para serem narradas, são abordados episódios da vida privada dos atletas sem que para isto haja um valor jornalístico reconhecível.

A segunda constatação é que a união de esporte e de identidade cultural é um casamento que se conclui muito eficiente. Os valores simbólicos de bravura, heroísmo e espírito guerreiro reiterados nas reportagens analisadas contribuem para estabelecer um sentimento de pertencimento e jactância dos nascidos no Rio Grande do Sul em relação a outras identidades culturais e a fortalecer o pólo idem. Ao distinguir atletas gaúchos de não gaúchos, Zero Hora utiliza as concepções de uma identidade que ficou à margem do processo de identificação nacional, o que em política se denomina *nacionalismo periférico* e que, no Brasil, é reconhecido como regionalismo.

Já extrapolação do uso dos valores do nacionalismo, ou o pólo idem, mostra-se através de matérias sem valor informativo adicional, como tratar dos feitos dos jogadores, sua vida particular ou outros tipos de curiosidades a respeito dos atletas, buscando uma negociação com os valores do pólo ipse para renovar a identidade narrativa.

Ou seja, além de reafirmar elementos de uma cultura que encontra suas bases na tradição e nas histórias vivenciadas por seus antepassados, atualizando as narrativas sobre a idade de ouro do gauchismo, a cobertura jornalística prima por contribuir com a construção de um sentido de identidade que não é fixo e nem acabado, e lança mão da articulação mesmidade e ipseidade. Um exemplo é que Zero Hora, ao colocar uma atleta afro-descendente como representante dos símbolos de uma identidade, propõe-se a reformular o exo-estereótipo atribuído ao gaúcho. É evidente que tais mudanças não se constroem do dia para a noite e precisam ser diariamente reproduzidas para que possam estabelecer-se como referência, mas a constatação ratifica a importância e o poder que é concedido à mídia na construção das identidades.

E Zero Hora relaciona a origem política dos nascidos no Rio Grande do Sul com o valor notícia de proximidade, o que, de acordo com outros estudos, pode já ser reconhecido como uma política do grupo RBS. O diário pretende envolver seus leitores em uma ideia muito forte de representação identitária mantendo-se como o jornal de referência do Rio Grande do Sul

O estudo não pode concluir se esta também é uma característica detectável em outros jornais ou se é particular da Zero Hora, já que se restringe à *Revista do Pan*. Contudo, é importante considerar que mesmo que esta seja uma especialidade apenas do diário, ela é representativa do domínio da maioria da audiência do estado.

Referências Bibliográficas

BONINI, Adair. *Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil?* Linguagem em (Dis)curso, Tubarão: v. 4, n. 1, 205-231, 2003.

CARVALHO, Carmen Regina de Oliveira. *Segmentação do Jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado.* In: V CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, São Paulo, 2007. Anais... São Paulo: maio/jun. 2007, 16 p. Disponível em: < <http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/hist-midia2005/resumos/R0136-1.pdf> > . Acesso em: 12 set. 2008.

CARVALHO, Joana. *Jornalismo Esportivo.* In: PENA, Felipe (Coord.). *Jornalismo.* Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2005.

HATJE, Marli. *Grande Imprensa: valores e/ou características veiculadas por jornais brasileiros para descrever a participação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1998 em França.* Santa Maria: Tese (Doutorado) Curso de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, 2000.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro.* Campinas: Papirus, 1991.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. *O espírito da cavalaria e suas representações midiáticas.* Ijuí: Unijuí, 2003.

Jornais de referência

ZERO HORA. *Revista do Pan.* 14.07.2007.

ZERO HORA. *Revista do Pan.* 21.07.2007.

ZERO HORA. *Revista do Pan.* 22.07.2007.

ZERO HORA. *Revista do Pan.* 27.07.2007.

ZERO HORA. *Revista do Pan.* 29.07.2007.